

## NOTICIÁRIO

## A MORTE DE FRANCISCO MIGNONE

Com a morte de Francisco Mignone, ocorrida em 19 de fevereiro do corrente ano, perdeu o Brasil uma de suas mais autênticas glórias musicais, “talvez o músico mais completo que possuímos”, no dizer de Vasco Mariz. Falecendo com quase noventa anos e ainda em plena atividade criativa, deixou uma obra imensa, abrangendo as mais variadas formas de composição, vocal, instrumental e orquestral. Seu catálogo, dentre os compositores brasileiros, é somente superado pelo de Villa Lobos.

Não tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, mas posso me gabar de um razoável conhecimento de sua obra, que acompanho desde quando, fixando-me em São Paulo lá pelos idos de 1936, tive o prazer de comparecer a um concerto da Orquestra Sinfônica Municipal, em cujo programa figurava uma de suas maiores obras, **Maracatu do Chico Rei**. Despertou-me enorme interesse e quis conhecer outras obras do compositor paulista, então na altura dos seus quarenta anos. Mas, naquela época eram raríssimos os discos de música erudita brasileira e, mais raros ainda, os concertos onde ela pudesse ser ouvida. Ao tempo dos discos de 78 rotações, de Mignone, creio só havia gravações da **Congada**, de uma das **Fantásias Brasileiras**, de algumas **Valsas de Esquina**. Com o surgimento da gravação em microsulco, alargou-se consideravelmente a possibilidade de conhecimento da música erudita brasileira, embora ainda muito longe do desejado.

Dos compositores brasileiros, Mignone foi um dos mais beneficiados pelo disco. Suas obras mais importantes e significativas foram transpostas para as estrias sonoras, conforme arrolamento, certamente não completo, que, ofereço aos interessados, na seção de música deste mesmo número. Vale observar que a **Congada** ( que faz parte da ópera **O contratador de diamantes** ) teve sua estréia no Rio de Janeiro, em 1923, pelo grande Richard Strauss à frente da Filarmônica de Viena.

Ao contrário de tantos compositores, Mignone não parou no tempo: evoluiu sempre e algumas de suas últimas obras são verdadeiramente “de vanguarda”. Dele se poderá dizer o que se dizia do poeta Cassiano Ricardo: foi um contemporâneo de todas as gerações. ONM